

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

## REPRESENTATIONS OF GENDER VIOLENCE IN UNSUBMITTED WOMEN'S TEARS, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Ivonete Aparecida Braga Moreira<sup>1</sup>  
Ewerton de Freitas Ignácio<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, propomos, a partir da análise dos contos “Aramides Florença”, “Natalina Soledad” e “Lia Gabriel”, que compõem o livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, refletir sobre a questão da violência de gênero relatada pelas protagonistas como uma manifestação decorrente do sistema patriarcal, machista e racista, que não apenas norteia o tema central da obra, qual seja o sofrimento da mulher negra nessa sociedade subordinada a esse sistema, como ainda atua em nossa sociedade. A metodologia utilizada para essa discussão é de natureza bibliográfica e descritiva. Como aporte teórico, utilizamos as reflexões de Bell Hooks (2019), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2020), Joice Berth (2020), Pierre Bourdieu (2012) e Gerda Lerner (2019), dentre outros. Com a leitura empreendida, foi possível compreender a importância do poder de fala e da escuta, sendo parte do processo de informação para mais mulheres. A sororidade entre as protagonistas é tema presente, uma vez que, ao narrar suas histórias, tais narrativas mesclam-se umas com as outras, reforçando que violência de gênero, machismo e racismo não constituem um fato isolado e que o sistema patriarcal, machista e racista ainda causa muitas vítimas. Destaca-se, sobretudo, o fato de essas mulheres serem fortes e insubmissas a esse sistema de opressão, conseguindo se libertar e descobrir outros caminhos para suas vidas.

**Palavras-chave:** Literatura feminina negra. Violência de gênero. Resistência feminina.

**Abstract:** In this article, we propose, based on the analysis of the short stories “Aramides Florença”, “Natalina Soledad” and “Lia Gabriel”, which make up the book *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), by Conceição Evaristo, to reflect on the issue of violence of gender reported by the protagonists as a manifestation resulting from the patriarchal, sexist and racist system, which not only guides the central theme of the work, which is the suffering of black women in this society subordinated to this system, but also still operates in our society. The methodology used for this discussion is bibliographic and descriptive in nature. As a theoretical contribution, we used the reflections of bell hooks (2019), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2020), Joice Berth (2020), Pierre Bourdieu (2012) and Gerda Lerner (2019), among others. With the reading

<sup>1</sup> Licenciada em Letras. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Língua, Literatura e Interculturalidade, da UEG. E-mail: [ivonete.85@aluno.ueg.br](mailto:ivonete.85@aluno.ueg.br).

<sup>2</sup> Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa com estágio pós-doutoral em Literatura Brasileira. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Goiás/Anápolis. E-mail: [ewerton.ignacio@ueg.br](mailto:ewerton.ignacio@ueg.br).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

undertaken, it was possible to understand the importance of the power of speaking and listening, being part of the information process for more women. The sisterhood between the protagonists is a present theme, since, when narrating their stories, these narratives mix with each other, reinforcing that gender violence, machismo and racism do not constitute an isolated fact and that the patriarchal, sexist and Racism still causes many victims. What stands out, above all, is the fact that these women are strong and insubmissive to this system of oppression, managing to free themselves and discover other paths for their lives.

**Keywords:** Black women's literature. Gender violence. Female resistance.

## **Introdução**

Conceição Evaristo é escritora, poeta, romancista, contista e ensaísta. É também uma das mais fluentes escritoras da literatura contemporânea, sendo seus livros objeto de estudo tanto nas universidades brasileiras como nas de outros países. Em suas narrativas, a vivência protagonizada por mulheres negras é pautada em reflexões sobre o contexto histórico atual em relação à desigualdade social brasileira, mais especificamente em relação aos aspectos raciais e de gênero.

A obra **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2016), objeto de nossa análise, é composta por treze contos e, em cada um deles, a protagonista é uma mulher negra que narra situações de sofrimento, retratando violência doméstica e financeira, estupro matrimonial, negligência parental e evento traumático, racismo estrutural e exploração análoga à escravidão. Nesse cenário, emerge o choro como parte de um processo de superação da tragicidade vivida ou vivenciada cotidianamente, haja vista o caráter de insubmissão a elas atribuído, pois em determinados momentos de suas vidas, as protagonistas não aceitam mais viver naquele sistema sexista, negam as condições que lhes são impostas, seguindo a travessia da vida. A autora, através da iniciativa de gesto do autocuidado, da doação e da aceitação de afeto, da sororidade, retrata mulheres que saem do estado de choro e transitam para um estado de liberdade baseado em superação.

A obra como um todo revela um retrato da potência revolucionária da solidariedade e da afeição feminina, a partir das personagens, mulheres negras, comunicando-se, expondo suas dores, angústias e inquietações, não se calando e, principalmente, unindo-se, uma vez que, com essa união, conseguem estabelecer uma força de conexão que alcança mais mulheres.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Diante desse contexto, discutir a produção de Evaristo é fundamental para que o leitor tenha contato com a voz que dá corpo à narrativa, mas que também revela uma vivência da perspectiva da vítima, de modo a enfatizar sua humanização e, assim, promover um processo de contato mais profundo, e até catártico, com o leitor.

## **Fundamentação teórica**

A linha autoral de Evaristo baseia-se no processo de *escrevivência*, termo cunhado por ela e assim explicado: “Em 1994, na minha dissertação de mestrado, fiz um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se e aí surgiu a palavra *escreviver*. Mais tarde comecei a usar *escrevivência*.” (EVARISTO, 2019).

A *escrevivência* é elemento fundamental à efetivação da sororidade entre escritora-narradora e personagens, bem como entre as leitoras e a obra:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. [...] Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não com prometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (EVARISTO, 2016, p. 8).

Nesse sentido, é fundamental considerar o conceito de “lugar de fala” (RIBEIRO, 2020), pois a escritora e a escritura unem-se na produção de um texto que tem como aspectos fundamentais o que se fala, os temas e a quem se fala. “Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2020,

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

p. 89), ou seja, quando a narradora deixa que as próprias protagonistas narrem suas próprias histórias, ela está quebrando esse sistema hierarquizado que não aceita que mulheres negras ocupem esse espaço de fala, de presença e de lugar em uma sociedade sexista.

É indiscutível a importância da literatura brasileira contemporânea, pois ela tem contribuído para a expansão de conhecimento acerca dos mais variados assuntos que causam impactos na sociedade, sendo a violência de gênero um desses temas importantes. Bell Hooks (2019), em sua obra **Teoria feminista: da margem ao centro** (2019), assevera que a violência contra a mulher é distinta de outras manifestações violentas, uma vez que ela está “especificamente ligada às políticas do sexismo e da supremacia masculina: o direito do homem de dominar a mulher” (HOOKS, 2019, p.175). A violência de gênero é, nessa via de análise, sustentada pela ideologia da supremacia masculina que domina a estrutura social e, por conseguinte, a história da literatura. A literatura, ainda que tenha apresentado temáticas acerca da violência contra a mulher, nem sempre a crítica a essa mazela se fez presente, sendo, por muitas vezes, descrita de forma naturalizada.

Além, disso, para uma percepção da violência de gênero como marcador sociológico, é fundamental considerar os apontamentos de Pierre Bourdieu (2012), em **A Dominação Masculina**, em que ele defende a ideia que há uma violência física (corpórea), da qual todos têm conhecimento, e uma violência simbólica, sendo essa uma violência “indireta”:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2019, p. 12).

Nesse viés de análise, segundo Bourdieu (2012), essa violência simbólica é construída socialmente, daí a dificuldade de a mulher se posicionar, pois algumas não têm conhecimento de que essa violência simbólica é tão ofensiva quanto a violência física.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Para além disso, nos contos “Aramides Florença”, “Natalina Soledad” e “Lia Gabriel” é perceptível a presença do que Carla Akotirene (2019), em sua obra **Interseccionalidade**, define como “múltiplos trânsitos”, ou seja, não se trata apenas da questão de gênero, mas também de questões sociais, como as relacionadas ao racismo e a permanência e a naturalização da violência contra a mulher ainda no século XXI. Nesse sentido, entender a “escrevivência” de uma autora negra como ênfase à “articulação das clivagens identitárias” (AKOTIRENE, 2019, p. 21) é fundamental para a atualização da discussão do papel da literatura como meio de representação crítica da realidade.

Ademais, outro aspecto fundamental para o entendimento da relevância da obra de Evaristo é o propósito de “empoderamento” presente nessas narrativas. De acordo com Joice Berth (2020), empoderar implica dar poder, mas ressalta que, para tanto, é necessário fugir à lógica do viés negativo atribuído ao poder e entendê-lo como mecanismo de estímulo a “novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e ainda de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade” (BERTH, 2020, p. 21). Sob essa análise, pode-se entender que Evaristo, na condição de escritora reconhecida, faz valer o poder de seu lugar de fala para dar voz a mulheres silenciadas e, assim, denunciar as mazelas da violência contra a mulher.

Outra obra fundamental será **A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**, da historiadora Gerda Lerner (2019). A autora assegura que o processo de violência de gênero é vislumbrado como tão natural que muitas não percebem a sua opressão e submissão. Isso se dá porque o

patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho. Trata-se de algo visto de modo tão natural e instintivo, que muitas de nós sequer damos conta. Portanto ler e falar sobre o patriarcado é desnaturalizar nossa existência. É reparar que existe um

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

sistema estrutural que ainda mantém a hierarquia da sociedade. (LERNER, 2019, p. 21).

Nesse ponto, falar sobre patriarcado é perceber que certas mudanças históricas são fruto de decisões das quais a mulher ficou de fora, como se fosse um objeto, uma “coisa” com uma finalidade determinada e, para esse sistema funcionar, é preciso que as mulheres estejam privadas de suas liberdades, seja pela educação ou pela independência financeira.

Retomando os contos de Evaristo, é notório que essas narrativas ultrapassam o trágico e apontam caminhos para se desvencilhar do poder exercido pelo homem e tomar para si o domínio sobre a própria vida. Isso se dá porque a contista não destaca as violências, não lhes dá longo fôlego nas tramas, não resumindo as personagens às violências sofridas, mas à superação.

## **Análise crítica dos contos “Aramides Florença”, “Natalina Soledad” e “Lia Gabriel”**

Conforme já mencionamos, nosso objeto de análise neste artigo são os contos “Aramides Florença”, “Natalina Soledad” e “Lia Gabriel”, publicados no livro de contos **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** (2016), de Conceição Evaristo. Todos os contos da obra são intitulados pelo nome da protagonista de cada história. A escolha desses três contos para análise deu-se por ambos abordarem em seus enredos cenas de violências sofridas pelas personagens.

No contexto narrativo de “Aramides Florença”, tem-se uma narradora protagonista está viajando o país em busca de histórias e chega à casa de Aramides, que a recebe com seu filho no colo. Percebe-se, desde o início, que o pai da criança as abandonou: “o nome do pai do menino desconheço, pois Aramides Florença só se referia ao homem que havia partido, como ‘o pai de Emildes’, ou como ‘o pai de meu filho’” (EVARISTO, 2016, p. 10). Ao narrar sua história, Aramides conta sobre o quanto estivera feliz com o namorado, pois o via como o homem certo e perfeito para construir uma família, e assim aconteceu. Quando ela engravidou, de início tudo foi como imaginara, só alegria, até que certo dia começou a mudar e, num primeiro momento, ela não entendia que aquilo era o início das violências:

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram-se em algo estranho. Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldade para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de uns dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama (EVARISTO, 2016, p. 13).

No trecho acima, quando surgem os primeiros atos de violência, a protagonista fica sem entender, pois é comum a mulher, por confiar muito no companheiro, não perceber, desde o início, que se trata de uma violência. A mulher foi instruída a acreditar que algumas atitudes machistas e sexistas são naturais. Isso ocorre, entre outros fatores, porque ela é ensinada, desde criança, por instituições como família e igreja, que o homem é o “cabeça da casa”, “o chefe da família”, aquele que toma as decisões, o que dá a última palavra, o inteligente, a quem se deve respeito e obediência, ou seja, sempre em uma posição superior à da mulher. Assim, as “mulheres participam no processo de sua subordinação porque internalizam a ideia de sua inferioridade” (LERNER, 2019, p. 21), muitas sendo vítimas de violência e pensando que a atitude violenta é normal do homem, faz parte de sua natureza, pois ele é mais compulsivo, ou seja, ela já se reconhece pertencente a essa subordinação que nem percebe. Talvez, para algumas, falte conhecimento sobre o assunto, pois é comum ouvir algumas mulheres dizerem, após uma atitude machista, que “homem é assim mesmo”, em vez de posicionar-se contra. Esse é um método que fortalece o sistema patriarcal e machista, contribuindo para a permanência desse sistema que coloca a mulher em um lugar de inferioridade na sociedade.

No conto em tela, as violências sofridas pela protagonista passam a ser mais frequentes e cada vez mais fortes e brutais:

Pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que dele receberia por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um íntimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (EVARISTO, 2016, p. 14).

Aramides começa a perceber que aquelas violências não eram normais, nem acidentais, mas, sim, propositais, o que a leva a sentir medo e a desconfiar do “seu homem”, pois começa a entender que algo grave está acontecendo, que aquela pessoa em quem ela depositou todo seu amor não é mais aquele ser amável, passando a ser um homem que agride não só a ela, mas também ao bebê que está na barriga. Essa violência contra Aramides chega ao momento mais cruel:

Estava eu amamentando o meu filho. [...] quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. [...] numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. [...] Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então. [...] Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com nosso filho, que chorava no berço ao lado. E quando ele se levantou com seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer (EVARISTO, 2016, p. 17-18).

Nas agressões narradas e sofridas por Aramides, observa-se que o personagem age como se tivesse total poder sobre o corpo dela. Essas agressões físicas e simbólicas sofridas por ela são resultado de um sistema patriarcal e machista que ainda perpetua na nossa sociedade, o qual é estrutural. Para Bourdieu (2019), a sociedade fortalece a continuidade dessa dominação quando refletimos sobre *habitus*, pois coloca o homem em uma posição de figura forte, viril, agressivo e, em contrapartida, a mulher como fraca, sensível e frágil, ou seja, um movimento ideológico continuado.

A personagem do conto “Natalina Soledad”, só por ter nascida mulher, já sofre com o machismo do pai, que é entendido como “o homem garboso de sua masculinidade” (EVARISTO,

## **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

2016, p. 19). Desse modo, quando sua sétima filha nasce, não reconhece que é sua, mas de outro homem: “Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis filhos homens, não foi bem recebida pelo pai [...]. Vê agora um troço menina, que vinha ser sua filha” (EVARISTO, 2016, p. 19-20). Arlindo Silveira Neto, o pai, é um homem machista que acredita na tradição inaugurada por seu avô (que tivera treze filhos homens), de maneira que só ansiava por filhos homens. Tendo já seis filhos, não é possível que “dele” nasça uma filha e, assim, nomeia a bebê de Troçoléia Malvina Silveira, por acreditar que seu nascimento resultou de uma traição. No decorrer do conto, é possível acompanhar o crescimento da menina e o quanto seu nome foi traumático em sua vida: desde os primeiros anos da escola, quando ela começou a sofrer humilhações em virtude do seu nome, “e foi então, na ambiência escolar, ao ser vítima dos deboches dos colegas, que a menina Silveira atinou com a carga de desprezo que o pai e a mãe lhe devotavam e que se traduzia no nome que lhe haviam imposto” (EVARISTO, 2016, p. 21-22). Isso perdura até a fase adulta quando, finalmente, depois dos trinta anos e da morte dos pais, ela escolheu o seu próprio nome: “Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome” (EVARISTO, 2016, p. 19).

Neste conto, o sofrimento não fica restrito somente à filha, alcançando também sua mãe. A mãe de Natalina Soledad é vítima de violência simbólica, ao ser acusada de traição por Arlindo Silveira Neto: “traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. Sua mulher deveria ter se metido com alguém e ali estava a prova” (EVARISTO, 2016, p. 20). Bourdieu (2012) afirma que “força simbólica é uma forma de poder que exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” (BOURDIEU, 2019, p. 69), ou seja, uma agressão que não é física, porém, causa sofrimento, trauma, dor e vergonha. Arlindo começou a praticar violência psicológica contra a esposa, “desassossegada diante do desprezo do marido” (EVARISTO, 2016, p. 21), tratando-a com inferioridade. Assim, não podemos discorrer sobre violência de gênero e desassociar os tipos de violência, uma vez que as violências física e simbólica causam impacto negativo na vida das mulheres.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

O conto “Lia Gabriel” não se diferencia muito do conto “Aramides Florença”, uma vez que existe a presença de violência corpórea, simbólica, ausência paterna e uma criança diagnosticada com esquizofrenia. A narradora, desde o início, percebe as semelhanças entre as histórias das duas mulheres e também com outras: “enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente” (EVARISTO, 2016, p. 95). As narrativas dialogam entre si, as protagonistas passaram por violências que marcaram suas vidas, mas o elo mais importante é a resistência feminina, a insubmissão ao sistema patriarcal, machista e racista.

Em **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**, as protagonistas dos contos sobrevivem às dificuldades decorrentes de serem mulheres negras, de sofrerem violência física e simbólica, de serem abandonadas pelos companheiros, não serem aceitas e sofrerem com o machismo, o sexismo, a dificuldade financeira, o racismo, dentre outras situações periclitantes que enfrentam. Trata-se de mulheres que conseguiram se conscientizar quanto sua posição na sociedade e conseguiram trilhar outro caminho. Como bem ressalta Joice Berth (2020), o empoderamento é “uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista” (BERTH, 2020, p. 25). Daí a importância do “empoderamento” como ferramenta de emancipação e erradicação das estruturas que oprimem.

Lia Gabriel, desde o início, externa que queria muito falar sobre sua história, sobre o quanto se sentia só. Nessa importância do poder da fala e de uma narradora disposta a ouvir, ela narra sua história, fala do abandono do marido, deixando-a com seus três filhos, e, principalmente, do dia que marcou negativamente sua vida: o dia da violência que deixou um trauma na vida de um dos seus filhos, Máximo Gabriel:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

ondas, era só ele ligar. Passados uns instantes ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. Em seguida, ele me jogou no quatinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. [...] Depois, ele voltou à sala e trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Amparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu, com Gabriel no colo. E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer minhas costas e minhas nádegas nuas ao homem que me torturava (EVARISTO, 2016, p. 101-102).

A protagonista, tal como Aramides, sofre uma sequência de violências, desde a violência corporal à simbólica, afirmando que não é a primeira vez que ele a agredira. O que observamos, pela leitura do texto supracitado, é o reflexo exato do sistema patriarcal, que dá à mulher uma função: cuidar dos deveres domésticos, tendo a obrigação de lavar, passar, cozinhar, e, como no conto, até de colocar o prato de comida na mão do companheiro.

## **Considerações finais**

Com base nas análises dos contos “Aramides Florença”, “Natalina Soledad” e “Lia Gabriel” é possível entender que ainda existe um sistema que fortalece violências de gênero, o machismo e o racismo, pois, como observamos, todas as violências sofridas pelas protagonistas foram conformadas por um rígido sistema patriarcal e pelo machista.

Desse modo, nos três contos aqui analisados, observam-se protagonistas que são mulheres que, por muitos anos, foram silenciadas, como bem pontua a teórica indiana Gayatri Spivak “a mulher subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15-16), mas tiveram, na narradora, a escuta sem julgamento, podendo falar e narrar suas próprias histórias e assim serem ouvidas. As suas histórias mostram os sofrimentos e violências que as mulheres negras mesmo no século XXI enfrentam, problemas sociais que ainda não foram resolvidos.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Trata-se, nos três contos cuja leitura efetuamos, de mulheres fortes que precisam ser insubmissas às lágrimas, isto é, ao sofrimento, e, no meio de toda essa memória de dor, compartilhada por todas, elas são mulheres que, ao contar suas histórias, ao olhar para um passado que lhes causara dor e aflição, são fortes o suficiente para ressignificarem suas vidas.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. [Entrevista concedida a] Ana Paula Acauan. **Revista PUCRS**. Porto Alegre, n. 191, julho/setembro 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

HOOKS, bell. **Teoria feminista da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Salles. São Paulo: Cultrix, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.